

AS DIABRURAS DA FORMA. ALGUMAS QUESTÕES EM TORNO DE FORMAS SOCIAIS: LÓGICA, POLÍTICA, ESPAÇO E OS TERMOS DE REPRODUÇÃO DA MERCADORIA

Cláudio Roberto Duarte¹
Departamento de Geografia–FFLCH/USP

RESUMO:

Esta é uma reflexão sobre os conceitos de “forma” e “formação” (econômico-social) e sua aplicação na compreensão das realidades sociais e espaciais. Na Geografia, forma tem sido reduzida ao aspecto visível de um objeto externo (e então à paisagem). Mas a riqueza da dialética “forma/conteúdo” ajuda-nos a entender melhor o processo de formação, deformação, metamorfose e transformação dos modos de vida, que são mediados pela Forma-Mercadoria e por relações-(de)-capital. Entretanto, a realização desta Forma coincide com a crise da morfologia social inteira (natureza, urbano, política, linguagem e arte, razão etc.) – incluído ela mesma (crise da valorização, colapso da modernização). Então o conceito de formação – reavaliado em chave dialética negativa, sugerindo o vivido como momento irreduzível – engendra uma nova fisionomia social das desigualdades, diferenças e possibilidades no seio da totalidade impositiva do mercado.

PALAVRAS CHAVE:

forma, formação, mercadoria, reprodução e crises.

ABSTRACT:

This is a reflexion about the concepts of “form” and “formation” (economic and social) and its application in the comprehension of social and spatial realities. In Geography, form has been reduced to the visible aspect of an external object (and so the landscape). But the richness of the “form/content” dialectics helps us to grasp the process of formation, deformation, metamorphosis and transformation of the ways of life, that are mediated by Commodity-Form and capital relations. However, the realization of this Form coincides with the crisis of total social morphology (nature, urban, politics, language and art, reason etc.) – included itself (valorization crisis, modernization collapse). So the concept of formation – reevaluated in a negative dialectics key, suggesting the “lived” as irreducible moment – engenders a new social physiognomy of inequalities, differences and possibilities in the core of impositive totality of the market.

KEYWORDS:

form, formation, commodity, reproduction and crises.

1- A história pode ser pensada, de acordo com a tradição dialética, como *processo de formação do ser*, da sociedade humana como sujeito, ou seja, como processo de diferenciação entre homens e natureza. Isto se determina (mesmo que negativamente) através de *formas históricas* de civilização

(“natureza formada”) e cultura (“apropriação subjetiva”) que vão pressupondo a realização do humano.

¹ Agradecimentos a Mira, Carlos e ao pessoal do Labor pela oportunidade de discussão. Apontamentos para discussão no grupo “Krisis”/Labor. Retomado e escrito entre maio/julho de 1998.

O marxismo classicamente usou o conceito de Formação Econômica e Social (F.E.S.), não obstante seus problemas, procurando dar conta da diversidade dentro da totalidade da história real, comportando tanto o *desigual desenvolvimento* entre o econômico e o social num momento da história (no modo de produção capitalista por exemplo), a desigualdade dos processos sociais em espaços determinados, assim como a referência ao conjunto da história humana (vide LEFEBVRE, H. s.d. cap.IV).

2- Os geógrafos têm como aquisição histórica a discussão do conceito de *forma* e mais precisamente de forma geográfica. Neste sentido são exemplos os estudos da morfologia da paisagem, do relevo ou da cidade. Aqui, "forma" foi geralmente assimilada (não se sabe ao certo se na produção direta ou na recepção dos estudos) à exterioridade visível de um objeto geográfico ou a um padrão destes². Destarte, a *paisagem*, ligada à forma (melhor ainda, à morfologia, noção de matriz biológica) definida nestes termos, sempre foi um conceito importante, tanto na tradição alemã (Schlüter, Passarge etc.) quanto na francesa (Vidal de La Blache, Brunhes etc.), principalmente na influência do *historicismo* (penetrado de positivismo) como referencial filosófico e metodológico. A ênfase nos resultados materiais das interações entre "aspectos físicos e humanos" mais do que nas interações, sobressai-se (cf. CAPEL, H. 1981 cap.X e XI)³. Pôde-se desconfiar recentemente,

entretanto, se a paralisação na compreensão do objeto dos estudos geográficos "nas aparências" do processo social (que envolve relações essenciais de determinação recíproca entre espaço e sociedade) não era um limite da disciplina e dos métodos até ali vigentes. Com a incorporação do marxismo, os geógrafos começam a falar de *formação econômico-social e espacial* (ou formação *sócio-espacial*), dando ênfase às formações estruturais no processo social, mais que às *formas*, como consta na obra do Prof. Milton SANTOS, um dos mais prestigiosos geógrafos da atualidade (1979 cap.I). Este esforço pioneiro e importante de teorização esbarra, contudo, em aporia, e que se compagina ao tratamento do conceito de forma. É verdade que este último reaparece reconsiderado (ambiguamente) na interação com outros conceitos: os de função, de estrutura e de processo (Id. 1985 cap.4). Porém, isto às vezes se manifesta (principalmente nos trabalhos mais antigos) numa *dialética lógica*, outras vezes numa *lógica dialética*. No primeiro caso a *forma* como perfeitamente ajustada à *função* esta tomada no lugar dos conteúdos concorre para que o movimento apareça com o peso dado à *lógica sistêmica* e à "boa" totalidade do modo de produção⁴ o que pode signi-

que caracterizam a paisagem. Valendo esta definição, em geografia nós não estamos preocupados com a energia, costumes ou crenças do homem mas com os registros humanos sobre a paisagem" (SAUER, *Ibid.*p.342). Se isto deu unidade à disciplina (integração geografia física e humana nos estudos regionais etc.) foi ao preço de tornar a materialidade quase que fim em si, fetichizado.

⁴ " 'Etapas no decorrer de um processo', como Labriola as definiu", diz Santos, "as formações econômicas e sociais não podem ser compreendidas senão no quadro de um movimento totalizador, no qual todos os seus elementos são variáveis que interagem e evoluem juntas, submetidas à lei do todo. A sociedade evolui sistematicamente, como 'um organismo social coerente, cujas leis sistêmicas são as leis supremas, a medida-padrão para todas as outras regularidades mais específicas' (citando U.Kusmin). (...) O modo de produção seria o 'gênero' cujas formações sociais seriam as 'espécies'" (SANTOS, 1979: pp.12-3). "As

² O que não faz justiça a M. SORRE e mesmo a p.ex. Carl SAUER (1974, Cap. *The Morphology of Landscape*), cujo conceito de forma referia-se ao aspecto fenomênico da realidade, alvo de uma "razão" classificatória sistemática, mas também a resíduos de algo mais complexo, envolvendo o tempo, a imaterialidade da cultura e também a percepção estética de ritmos menos superficiais etc. Em verdade desde Humboldt ou Vidal de La Blache a intuição estava implícita no estudo das paisagens.

³ "A geografia é a ciência dos lugares, e não dos homens" (Vidal de La Blache *apud* CAPEL, 1981: p.334). "Suas formas (da paisagem cultural) são todas trabalhos humanos

ficar o acento nos cortes em vez das transições; some-se a isso que os lugares se dão como *localizações funcionais* contendo certas combinações (ou articulações) de estruturas (formadas de elementos operacionais positivos/fixos), o que tende a ontologizar em instâncias aparentemente autônomas mediações que são históricas (Cf. 1979 pp.29; 44-5; Ver também: 1985 p.2). É o problema espinhoso que a noção de F.E.S. carrega, pois a autonomização formal de esferas, por exemplo a distinção do econômico do social, e também do político, em grande medida é resultado da modernidade. No segundo caso a forma aparece na dialética "*forma-conteúdo*" e há contradição entre o universal e o particular, o global e o local etc., a emergência de novos "elementos" etc. Ainda contudo, a forma parece ser entendida em termos restritos de visibilidade do objeto geográfico: "*Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo*". Por outro lado, a *paisagem* guardaria toda a história acumulada sob as "formas espaciais" (Cf. Id. 1985 p. 50; 55; V.t. 1979 p.42). Com isso, se corre um pequeno risco (e por isso o autor engloba-a dentro da noção de espaço) de hipertrofiar o conceito, hipostasiando o visível material (sem especial atenção ao indivíduo constitutivo da paisagem) ou identificando (o que é possível num

estratagema tecnocrata, exterior a este pensamento) o social a uma representação do espaço (uma paisagem produzida, ou em outro caso, a uma imagem ou mapa).

* *

3- Ora, se tomarmos os conceitos de forma e formação, em sentido *mais amplo (ao mesmo tempo que mais preciso)*, eles não se detêm nestes termos. Na filosofia, forma é um conceito de origem longínqua. Na filosofia grega (na raiz pitagórica), por exemplo, a forma é justamente o contrário do que se conquistou na Geografia. Ela é assimilada à essência inteligível da realidade (Cf. COLLINGWOOD, R.G. s.d. pp.74-133). Neste sentido, a lógica formal a utilizou num sentido *lógico-ontológico*, que HEGEL parece ter reformulado na sua dialética (a forma movimentando-se ativamente com o conteúdo, desenvolvendo por tríades o conceito Cf. 1939 frags. 119, 65-8, 77). Em outros campos, como na estética, a forma não se reduz à *empíria* mas remete à *lógica interna* da obra de arte, necessária e essencial para a expressão universal dos conteúdos particulares do mundo vivido (Cf. Adorno, T.W. s.d. pp. 132 e ss; 157 e ss). Na compreensão hegeliana, o conceito mais amplo de "Formação"⁵ parece estar ligado à idéia moderna de constituição da *Bildung* (cultura ou formação) e do Espírito, e, em registro dialético negativo, à "*pseudo-formação*" (*Halbbildung*) (Adorno, 1971 pp. 234-5), à "*formação interrompida*" (mas apenas "*supostamente inconclusa*" ARANTES, P. & ARANTES,

regiões e os lugares não são nada mais do que lugares funcionais do Todo" (ibid. p.44). Transparece nestes trechos pinçados do livro o acento mais na identidade do modo de produção do que nas diferenças imanentes ou no processo vivido. Há o problema também de considerar a formação econômico-social como totalidade num Estado ou num espaço definido, descaracterizando a proposta de conceber de uma só vez tanto a história de um momento do processo histórico – a formação capitalista (e suas desigualdades mundiais) – como a totalidade da História humana. O cerne do conceito é a não-identidade, isto é, a dialética entre o econômico e o social, entre os tempos históricos coexistentes.

⁵ Vide: HEGEL, G.W.F. 1989: pp.21-2; 48-9. A Fenomenologia é o itinerário de formas ou figuras da experiência da consciência até a formação do Conceito, do Saber Absoluto, do Espírito. Este vem só no final do processo; as determinações na sua pré-história são negativas do sujeito e apenas o pressupõem, diferindo portanto de continuidades historicistas ou de simples evolucionismo. O que não se pode aceitar é sua totalidade afirmativa, o sistema, um outro nome da violência. Totalidade só é categoria crítica quando se quer salvar o que não está de acordo com a totalidade.

O. 1997 pp.98-99; SCHWARZ, R. 1994), ou ainda, à "deformação"⁶

*

4- Henri Lefebvre não só retomou o conceito marxista de F.E.S., conforme vimos, como também teceu uma *teoria das formas*. A lógica, a matemática e a linguagem, a moral e o direito, as artes (a estética, os objetos) e o espaço são *formas históricas* de apropriação da natureza (externa e interna ao homem). Formas que são *abstrações concretas*, pois se determinam mental e socialmente, lógica e espacialmente. De início cabe assinalar que não existe forma sem conteúdo e vice-versa. Os conteúdos são as "continuidades" os movimentos incessantes da práxis, ou seja, as ações e relações sociais, o vivido e as necessidades vitais historicamente constituídos. Entretanto, somente de modo determinado eles se manifestam através da forma; ou então aquém dela, via modos "mais moles" como a *mimesis* (os gestos, os gritos, o expressivo), as imagens, os símbolos, as representações. As formas são "descontinuidades" sedimentadas pelo movimento histórico, funcionando como "*modalidades da prática social*" (LEFEBVRE 1966 p.309) com certa coerência e estabilidade, o que também as torna resistentes à história, perdurando por épocas (por ex. o direito) embora preenchidas por conteúdos diferentes. São inerentes à atividade e ao entendimento analíticos. Têm por um lado o sentido da abstração, da identidade, da generalização, e por outro o da sincronia, da repetição e da quantidade. Por conta disso tendem a "*dar lugar a*

Instituições" (ibid.p.306), a "*normas*" e então a "*modelos e tipos*" (Id.1977 p.84).

Não se reduzem à mera aparência social. Ao contrário, embora apareçam socialmente como fenômenos sensíveis (por ex. sob a forma do discurso, paisagem, dinheiro etc.), tendem a constituir (ou estruturar) a "essência" (o conteúdo) de uma sociedade. Inclusive no plano do pensamento, é por meio delas que se descobre esta essência (aqui para além da paralisia estruturalista da história ou do ontologismo de formas que estão postas). Em momentos especiais o conteúdo pode ser enriquecido pela forma, de modo não só a determiná-lo, mas poli-lo e potencializá-lo; são momentos de reconciliação, de criação, de apropriação não-violenta, de "*perfeição da forma*" (HEGEL, 1989 p.15). Com isso, não se quer dizer que haja sempre adequação perfeita entre ambos. São movimentos contraditórios. O caráter redutor das formas tende a *filtrar* os conteúdos, *configurando-os numa certa ordem* e possibilitando-lhes uma determinada expressão. Isto sucede até o momento em que o não-idêntico, sob a égide da identidade – e conhecido até aqui como virtualidade conflituosa – expresse-se em outras formas, se realizando efetivamente. Há portanto movimentos dialéticos entre as formas e os conteúdos sociais⁷. A *mercadoria*, isto é, o valor, é a *forma* (tal como analisada por Marx em *O capital*) que ganha hegemonia na modernidade capitalista frente às outras formas sociais. Neste ponto Robert Kurz (e o grupo em torno da revista *Krisis*), retomando esta análise, nos ajuda(m) a compreender a força estruturante dessa *abstração real* e ao mesmo tempo seus limites internos.

⁶ Como Kafka trabalha p.ex. em *A metamorfose*: no império dos formalismos, a regressão dos indivíduos à animalidade, ao esquecimento. Foi Walter BENJAMIN, 1985 (Cap. *Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte*, p.158 e ss.) quem assinalou este ponto em sua obra. Na antropologia negativa (homem alienado) de Marx nos *Manuscritos de 44* isto está implícito, uma frase ao acaso: "*quanto melhor formado o seu produto tanto mais deformado o trabalhador*". e seu complemento dialético: "*a formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história universal*"

5- Retornando a Marx, sabe-se que ele desvenda a troca de mercadorias e o valor (e suas implicações: o trabalho abstrato, a forma do contrato jurídico etc.) como a "*célula*" da "*sociedade burguesa*"

⁷ Cf. obras de LEFEBVRE, 1966 cap.7 e 8; 1977 cap.V; 1991 cap.4; 1983b cap. *La forma urbana*; 1983a *passim*.

sa" (1964 tomo 1 p.XIII), isto é, da sociedade onde as relações-de-capital (relações de produção baseadas na propriedade privada dos meios de produção e no trabalho assalariado) constituem a estrutura básica de suas *atividades*. A mercadoria moderna é a *forma universal (abstrata)* adquirida pelos *produtos* do trabalho numa sociedade *aparentemente idêntica* de trocadores de mercadorias mas *essencialmente não-idêntica*; Ela *age na igualação formal do desigual*. O capital (o ciclo de metamorfoses do valor) é o "*sujeito*" efetivo do processo social, utilizando os homens como seus suportes. De fato, uma *abstração real opera* na prática. Estas relações sociais, portanto, tomando esta forma, tendem a se autonomizar da sociedade, a se naturalizar, a se mistificar.

A mercadoria se determina duplamente: valor de uso/valor de troca, forma relativa/forma equivalente. Esta estrutura é lógica e não-lógica (pois *contém socialmente sua negação interna*). O valor de uma mercadoria é determinado por um certo dispêndio de tempo de trabalho social abstrato (o que dá seu conteúdo). Só a força de trabalho vivo produz valor (tendo a natureza como substrato); e uma fração dele é expropriada como mais-valor, isto é, trabalho excedente não-pago – o que a torna mercadoria especial para aqueles que podem, querem e precisam (têm forçosamente de) empregá-la, na concorrência inter-capitalista. Em contradição com isto, os ganhos em produtividade, em geral, são conseguidos somente com investimentos em racionalidades técnicas poupadoras de força de trabalho.

A *valorização do valor* torna-se o *fim tautológico* – pois a rigor é um puro meio – da sociedade do capital. Esta é a figura de sua ampliação. Esta sociedade se configura em cadeias de equivalência cada vez mais amplas e atinge todos os momentos da vida. A oposição *lógica* troca-uso vai se tornando *conflituosa* mundialmente (*especialmente*). A realização da sociedade se dá através de meios cada vez mais auto-referentes, como o dinheiro e as imagens no espetáculo (DEBORD, G. 1997 §§ 4, 13, 149-53 etc.). A realização das necessidades pelo mercado

significa percursos sociais prescritos para a grande massa, na forma do ciclo trabalho alienado-salário-consumo, e para o capitalista o ciclo D-M-D'. A inversão dos indivíduos sensíveis em meros ganhadores de dinheiro (não obstante os resíduos contrários!) é produto das diabruras destas formas sociais, que, análogas às travessuras infantis, fogem ao controle de uma humanidade amadurecida.

* *

6- KURZ nos explica como na *história de imposição do moderno sistema produtor de mercadorias* o trabalho e a forma valor vão se autonomizando dos outros momentos da vida social, o que os torna centralidade definidora da situação real dos homens, o que é reforçado pela conversão do primeiro em ideologia hegemônica (a ética do negócio, o produtivismo, o desenvolvimentismo etc.). A consciência é cindida⁸, mas longe de constituir um fundamento ontológico do humano, o trabalho é uma mediação *histórica* específica (1996 pp.21-9). Por um lado mostram-se os "preços" desta modernização fetichizada. Se as formas sociais pré e coexistentes tendiam à rigidez institucional, a sua colonização e redefinição (em termos de poder instrumental alienante) pela forma-valor trazem em seu rastro de civilização e de barbárie num só registro. A crise é da morfologia social inteira (e claro, de seus conteúdos). Isto se expressa na *destruição da natureza* (de suas formações orgânicas e inorgânicas, se quisermos)⁹, na *crise do logos ocidental* (a razão instrumental e sua pseudo-recusa na nova "*aconceitualidade*" pós-moderna)¹⁰,

⁸ É a "mania estrutural de cisão": "O verdadeiro conflito social básico da modernidade(...)é aquele entre o conteúdo social e a forma não social, inconsciente do próprio trabalho(...)A divisão interna do sujeito burguês manifesta-se como existência dupla, dividida entre a ação referente ao dinheiro ou ao mercado e a do cidadão" (KURZ, 1996, pp. 43-4).

⁹ KURZ, 1997a: cap. O programa suicida da economia.

¹⁰ Id.Ibid.: cap. A *intelligentsia* depois da luta de classes; cap. Escravos da luz sem misericórdia.

na *degradação da linguagem, da cultura e da arte* (o espetáculo da indústria cultural)¹¹ no *fim da política* (esta é fruto da auto-mediação da forma mercadoriana, da totalidade abstrata; a política estatista que, aparenta uma instância social autônoma, agiu mediamente, no sentido da modernização, na generalização das condições de acumulação, hoje rebaixada à cínica, isto é, "realista" *política econômica*; "democratização nada mais é que a completa submissão à lógica sem sujeito do dinheiro" cilada da "mania estrutural de cisão")¹², na *deterioração da cidade* (a fragmentação do espaço, cortado pelas vias de acesso para privilegiar o automóvel¹³, pela especulação/incorporação imobiliária etc., trazendo a crise do urbano, visado por Lefebvre como virtualidade do lugar do uso e do encontro, potencializadores da civilidade; vigência de uma cotidianidade definida pela coação deste conjunto de formas e seus resíduos), etc. É gigantesca a explosão dos referenciais.

*

7- Entretanto, a realização desta forma coincide com sua negação histórica. Como diz um colaborador de *Krisis*: "Em Marx, o valor não pode conter a realidade mas a subordina à sua própria forma e a destrói, destruindo, no ato, a si mesmo. A crítica marxiana do valor não aceita o valor como um dado de base positivo, nem o defende, mas decifra sua existência auto-suficiente como aparência. A realização em grande escala da mediação da forma mercadoria não leva ao triunfo definitivo desta e sim coincide com sua crise"¹⁴ Kurz reúne elementos que apontam para a perda cada vez mais efetiva da substância do valor do trabalho abstrato. Com a crescen-

te racionalização da produção e a revolução tecnológica (microeletrônica, robótica etc.), tende-se à superprodução de mercadorias, onde cada vez menos trabalho vivo está sendo empregado. Por outro lado, a lei cega da concorrência destrói empresas que não acompanham o nível geral de produtividade, afetando regiões e países inteiros. Não há crise do trabalho sem crise do capital. Ambas fazem um, são idênticas. Assim também tomamos consciência de como as coisas no capitalismo em certo sentido são fantasmas, pois só existem de fato enquanto haja alguém que possa pagar por elas. Como a lógica do capital vai se esgotando (na incapacidade da compra de força de trabalho), vai ficando cada vez mais difícil em contrapartida a realização do lucro incorporado nas mercadorias. Surge assim uma constelação, cujos astros giram em torno da *economização total da vida*: o assalto ao Estado (as privatizações, a corrupção, o desmonte do *Welfare State* – este último aliás uma exceção e não a regra do sistema); as centralizações entre grandes capitais; a globalização neoliberal de mercados assegurando a realização de negócios vantajosos para capitalistas em certos países; a astúcia dos grandes capitais especulando em títulos do mercado financeiro mundializado; a onda de desregulamentação do trabalho e flexibilização das formas contratuais (meio de competição principalmente para ramos atrasados), seguida por recriação de formas arcaicas de superexploração do trabalho (mais valia absoluta, até mesmo escravidão etc.). Daí a necessidade de uma crítica radical como a de Kurz e de outros, que vá além do distributivismo reformista. A produção mesma, as leis do trabalho abstrato, o fetiche das formas é que devem ser negados.

Aqui cabe uma nota, na verdade uma hipótese de pesquisa: é neste momento que as *indústrias com baixa composição orgânica do capital adquirem função estratégica* dentro da lógica da reprodução. O mercado possivelmente vaza para um segundo circuito do capital. Uma indústria como a da construção é vista pelo Estado e pela sociedade civil como fundamental nas tentativas de remediar a crise. Aqui

¹¹ Ibid.: cap. O oco do fetichismo; (V.t.: Id. 1998 e JAPPE, A. (1996).

¹² Ibid.: cap. A falta de autonomia do Estado e os limites da política; (V.t. : Id. 1994, p.11).

¹³ Ver sua relação com o modo de vida: Ibid.: cap. Sinal verde para o caos da crise.

¹⁴ Ernst LOHOFF (*Krisis n.º 13*), apud Anselm Jappe. Apresentação. in: Kurz 1997a, pp.8-9.

está embutida toda uma gama de negócios que a cidade comporta e que a torna reprodutora de relações, o que os trabalhos de Lefebvre, Harvey, Gottdiener e outros já tentaram mostrar. Se a tendência ao colapso é verdadeira, pode haver movimentos complementares que tentem reproduzir, nos limites da capacidade sistêmica de valorização, esta mesma lógica, inclusive alimentando-se da barbárie. Por exemplo, pode-se imaginar a hipótese da construção de bairros e condomínios fechados para os colarinhos brancos e *global players* que sobraram, com base no trabalho com remuneração e direitos ínfimos. Por outro, é preciso que sejam consideradas a falta de autonomia financeira do Estado (hoje evidente), a construção de prisões, habitações populares, escolas, redes de comunicação e transporte etc. no sentido de tornar a população e seu espaço funcionais/controláveis, sem falar na indústria do turismo e do lazer programado. E aqui pensamos processos que já se iniciaram e perduram numa determinada re-produção morfológica (espaço homogêneo-fragmentado-hierarquizado), num casamento infernal entre lógica, política e violência (LEFEBVRE, 1977 pp.23-4 e ss). Ora, isto reativaria o conceito de formação e desenvolvimento desigual pois este é o momento da desigualdade no seio mesmo da totalidade do mercado, aquele momento quando Kurz nos diz que o capitalismo tornou-se idêntico a si mesmo, o que não quer dizer estabilidade. O conceito de Formação (Econômica e Social), despedindo-se da ontologização das separações entre o econômico e o social – e incorporando o negativo (isto é, a não-formação, e mais, o vivido) como momento imanente irreduzível –, adquire precisão para descrever e interpretar a modernidade e, sobretudo, o capitalismo coetâneo, que justamente autonomizou o econômico do social, o que deve ser lido numa chave dialética. Isto contém derivações, vejamos.

* *

8- Vivemos dias em que a igualdade jurídica vai se tornando farsa já não tácita; a névoa da identidade vai dando lugar à barbárie, como que *sem for-*

ma, à céu aberto. Daí a revolta da natureza atormentada eclodir em muitos planos: do fanatismo ao sexismo na tv; do liberalismo (individualismo, narcisismo) ao reacionarismo político... Como as pessoas para sobreviverem precisam *usar*, abre-se uma época de *violência* visível na paisagem – o que pode captar uma *fisionomia social* orientada para a contradição¹⁵. De um lado, uma pequena classe média empanturrada no vazio de sentido, quase louca pelo fetiche do consumo e pelas ameaças de perda de emprego; de outro, aqueles que “lutando para serem explorados” e terem como reproduzir esta condição, clamam surda ou explicitamente por “re-formas” e então por mais metamorfoses do capital, mais deformações sociais. Enfim, tanto o proletariado como a esquerda tradicional, sofrendo as pressões cotidianas, com a consciência cindida de sujeitos-monetários (embora cada vez mais *sem dinheiro*), não têm enxergado uma transformação.

Lidamos de fato com uma forma que está se livrando, em certo sentido, do conteúdo. Até mesmo porque podem estar nascendo brechas que o mercado vai deixando fora da valorização. É preciso uma vez mais atentar para o conteúdo: os níveis alcançados pelas forças produtivas, as frescas relações sociais que vão aparecendo, as necessidades e desejos dos grupos, os eventos, os acasos etc. Tudo isso é o conteúdo sensível que uma outra razão deveria resgatar, a não ser que tomemos os simulacros financeiros e culturais pela realidade final. As energias sociais estariam prontas, se puderem se organizar diferencialmente – e este é um possível vislumbreado por Kurz –, para buscar “*novas formas de vida*”¹⁶, para além do dinheiro, da mercadoria, do capital – e *num exercício renovado de crítica imanente* – do

¹⁵ BENJAMIN, ADORNO, LEFEBVRE, DEBORD e KURZ fazem constelação neste enfoque de crítica da vida social/cotidiana.

¹⁶ KURZ, 1997a: cap. Para além de mercado e Estado; Cf.t. Id. 1997b, pp.28-9.

Estado, da política, da moral, das artes e do espaço até então postos (ou pressupostos por seus conceitos ou formas)¹⁷ Ou seria preciso esperar o fim total do trabalho? Julgamos que uma fisionomia social dialética não focaliza só a destruição e o sofrimento, pois correria o risco de cair num passadismo reacionário. Com presença de espírito atenta para formas embrionárias

(o que, poder-se-ia dizer, os geógrafos já vêm percebendo), a *esperança* nesta presença passa em verdade não só pela compreensão objetiva do processo, mas pela *vontade de esperar* pela supressão dialética da pura lógica – da necessidade do que existe embutido na “paciência do conceito” (HEGEL, 1989, p.22); cabe desde então a questão da “impaciência”¹⁸

Bibliografia

- ADORNO, Theodor W. “Teoría de la pseudo cultura (Halbbildung)” (original: 1959). *in*: ADORNO, Theodor W. & Horkheimer, Max. *Sociológica*. 2ª ed. Madrid, Taurus, 1971 pp.233-67.
- _____. *Teoria Estética* (1969). Lisboa, Edições 70, s.d.
- ARANTES, Paulo.E. & ARANTES, Otilia. “O sentido da formação hoje” *in*: *Praga*. nº 4. São Paulo, Hucitec, 1997. pp.95-107
- BENJAMIN, Walter. “Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte (1934)” *in*: Id. *Obras Escolhidas vol. I*. São Paulo, Brasiliense, 1985 pp.137-64.
- CAPEL, Horacio – *Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea*. Barcelona, Barcanova, 1981.
- COLLINGWOOD, Robin G. *Ciência e Filosofia (A idéia de natureza)*. Lisboa, Ed. Presença (ed.de bolso), s.d.
- DEBORD, Guy – *A sociedade do espetáculo* (1967). São Paulo, Contraponto, 1997.,
- HEGEL, Georg W.F. A fenomenologia do espírito *in*: *Hegel vol.II (Os pensadores)*. São Paulo. Nova Cultural, 1989.
- _____. *Morceaux Choisis* (trad./introd. Lefebvre, Henri et Guterman, Norbert). Paris, Gallimard, 1939.
- JAPPE, Anselm. Sic Transit Gloria Artis. El “fin del arte” según Theodor W.Adorno y Guy Debord. *in*: *Mania nº 1*, Barcelona, (1996) pp.31-52.
- KURZ, Robert. Cultura degradada. *in*: *Folha de São Paulo, cad.Mais!*, 15/03/1998.
- _____. *Os últimos combates*. Petrópolis, Vozes, 1997a.
- _____. “Existe vida após a economia de mercado?” *in*: *Praga*. nº 4. São Paulo, Hucitec, 1997b pp.21-9.
- _____. *O colapso da modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial* (1991). 4ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- _____. “O fim da política. Teses sobre a crise do sistema de regulação sob a forma-mercadoria” tradução provisória mimeo. *Revista Krisis*, (1994).
- LEFÈBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno* (1968). São Paulo, Ática, 1991.
- _____. *La presencia y la ausencia (contribución a una teoría de las representaciones)* (1980).

¹⁷ “A superação da crise exige um tipo completamente diferente, exatamente oposto, de ‘razão prática’ e ‘imanência’, que ao invés de moderar a crítica social torna-a mais radical e mais aguda. Ou, em palavras mais precisas: a substância material das potências alcançadas da socialização tem que ser radicalmente liberada da forma histórica que contaminou essa substância e tornou-

a extremamente destrutiva. O que é exigido é, portanto, uma razão sensível, que é exatamente o contrário da razão iluminista, abstrata, burguesa e vinculada à forma-mercadoria” (KURZ, 1996, p. 232).

¹⁸ “Não é infinita a paciência daqueles que ‘caíram fora’” KURZ, *ibid.*, p.199.

- México, Fondo de Cultura Economica, 1983a.
_____. *La revolución urbana* (1970). 4ª ed. Madrid, Alianza, 1983b.
_____. *De l'État. tome III*. Paris, Union Générale d'Éditions, 1977.
_____. *Le langage et la société*. Paris, Gallimard, 1966.
_____. *O pensamento de Lenine* (1957). Lisboa, Moraes, s.d.
- MARX, Carlos. *El Capital (Crítica de la economía política)*. 3ª ed. Mexico. Fondo de Cultura Economica, 1964 (t.1).
- SANTOS, Milton. *Espaço e Sociedade*. Petrópolis, Vozes, 1979.
_____. *Espaço e Método*. São Paulo, Nobel, 1985.
- SAUER, Carl O. *The Morphology of Landscape* (1925). *in: A selection from the writings of Carl Orwin Sauer*. 5ª ed. Berkeley, University of California Press, 1974, pp.315-50.
- SCHWARZ, Roberto – Fim de século. *in: Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 04/dez/1994*.

